

## A HISTÓRIA LOCAL NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Bianca Tamara de Siqueira

Mestranda em Desenvolvimento Regional (2018-2020) - PPGDR  
UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - UNISC  
E-MAIL: [biancasiqueira10@hotmail.com](mailto:biancasiqueira10@hotmail.com)  
Bolsista CAPES<sup>1</sup>

**RESUMO:** Esse texto apresenta um breve raciocínio considerando a importância da História Local como método de abordagem ao longo do Ensino Fundamental, para constituir-se como uma ferramenta que possibilita a (re) construção, ou identificação das identidades locais, considerando os elementos culturais, e vise suavizar os impactos do processo de globalização sob as identidades.

**Palavras-Chave:** História Local; cultura; identidades.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho traz considerações pertinentes a dissertação da autora, intitulada; “*O ensino de História Local: conhecer para pertencer*”, desenvolvida junto ao curso de Pós-Graduação do Programa em Desenvolvimento Regional - UNISC. Considera-se, importante dizer que neste momento, a dissertação encontra-se em fase de coleta de dados, para posterior análise. A linha de pesquisa selecionada para essa análise, enfoca o estudo das capacidades institucionais em seus vários níveis, de tomar iniciativa, mediar e regular os processos de gestão do território. Analisa conflitos, tensões e produção de consensos entre poder público e agentes sociais. Com a intenção de analisar o ensino de História Local, observa como o Estado planeja suas políticas para esta abordagem, e como elas refletem nas instituições locais, sem deixar de mensurar que o ensino de História Local é parte integrante na compreensão e no exercício da Democracia.

Dentre todas as questões pertinentes ao desenvolvimento, também se constituiu uma reflexão parcial, dos estudos transcorridos na disciplina de Sociedade, Cultura e Desenvolvimento Regional, dentro do mesmo programa, que a partir de uma perspectiva

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

sociocultural, traz uma abordagem teórica relativa a questão cultural, contextualizando a importância do ensino de História Local na construção de identidades locais.

Sendo assim, o texto trará uma breve apresentação da definição conceitual da questão de identidades ligadas a cultura, e ao impacto do processo de globalização nas identidades locais. Na sequência trará uma singela revisão bibliográfica quanto a historiografia da História local, na perspectiva didática para a construção de identidades locais.

### **1. A QUESTÃO DA CULTURA E DAS IDENTIDADES**

Para tratar das questões de identidades, não seria possível excluir a relação com a cultura. Porém, é de se considerar que ambos conceitos são caros para abordar em um comentário crítico. A problemática em torno dos conceitos de cultura e identidades para o desenvolvimento, bem como sua correlação, são prolongadas, e não irão se esgotar neste texto. Percebamos que com esses conceitos polissêmicos, passamos por um processo de desconstrução dos conceitos tradicionais, abrindo-se a novas correntes de pensamentos, com uma visão de mundo mais ampla. Considerando que ambos conceitos são fundamentais, mas multiconceituais e que foram se ressignificando.

Quanto à cultura, partimos do princípio que existem dois tipos de cultura, a cultura antropológica mais alargada, dos modos de viver, e a cultura explícita (restrita) dos movimentos sociais, num sentido mais pragmático conforme Ortiz (2008). Considerando essa duplicidade de entendimento, devemos ter cuidado com a forma a qual nos referimos ao conceito de cultura, deixando sempre muito claro, quando está se referindo a uma cultura mais alargada, ou explícita. Essas duas visões de cultura, ao longo dos desdobramentos, até podem ser convergentes, mas o desafio desta proposta é pensar a cultura no desenvolvimento, no processo de (re) construção das identidades locais.

Por Ortiz (2008), a cultura é vista amplamente e composta por elementos materiais e imateriais de um povo, transmitidos ou compartilhados. Estes elementos atuam e influenciam os diversos aspectos do modo de vida de um povo. Cada povo vive de acordo com as regras da sua cultura, que nem sempre estão escritas, mas são transmitidas e regulam as práticas culturais, e até mesmo as relações econômicas. Portanto,

considerando a perspectiva de cultura de Ortiz (2008), entende-se que ela está amplamente vinculada ao desenvolvimento e ao processo de (re) construção das identidades locais, visto que as identidades locais refletem os modos de vida de um povo que vive em determinado lugar/local.

Embora tenham os pontos em destaque, evidentemente, que os modos de vida de um povo não ficam imutáveis e não se restringem de forma extremamente fixa a determinado local, tratam-se dos aspectos substantivos. Os aspectos substantivos da cultura, apresentam a troca cultural, em particular, lembra-nos que as culturas têm se expandido, através das tecnologias e da revolução da informação. Conforme Hall (1997) e Larrain (2003), estas mudanças culturais globais estão criando uma rápida mudança social apagando as particularidades e diferenças locais e produzindo, em seu lugar, uma ‘cultura mundial’ homogeneizada, ocidentalizada. De modo geral, um *mix* cultural com alternativas híbridas de sociedades multiculturais, culturalmente diversificadas (HALL, 1997).

Nesse sentido, sobre esses efeitos da globalização, é quase impossível para o cidadão comum ter uma imagem precisa do passado histórico sem tê-lo tematizado, no interior de uma “cultura herdada”, que inclui panoramas e costumes de época. Percebemos que nesta conjuntura, cabe o ensino e a importância da História Local para a (re) construção ou identificação da sua cultura, para novamente, na construção ou identificação das identidades e suavizar os impactos da globalização nas identidades locais (HALL, 1997). Atando os conceitos de identidades e cultura, Larrain (2003), explica que envolve uma narrativa sobre histórias pessoais e de grupos, comunidades, locais, que estuda a cultura e entende as identidades, que reconhece as formas simbólicas que fazem parte da cultura e da identidade de um povo.

É um discurso sobre si mesmo ou sobre o grupo na interação com outros grupos, que só é possível por meio de uma estrutura de significados comuns e da linguagem. Estudar a identidade é estudar como as formas simbólicas são mobilizadas para sua construção. (LARRAIN,2003, p.32)

Partindo de um consenso geral e comum, o conceito identidade, sugere a identificação de alguma coisa ou alguém, e nessa perspectiva, e unindo vários alguéns, temos os grupos representativos e indenitários. Hall (1997), também sugere uma desconstrução deste conceito de identidade, no entanto ele reconhece que ainda não existe

um novo conceito, uma nova palavra capaz de substituir o conceito de identidade de forma completa, portanto o conceito ainda deve ser explorado com suas críticas. Dentre todas as complexidades do conceito de identidade trazidas por Hall (1997), uma delas é que faz uma diferenciação entre identidade e identificação, muito embora a identidade possa por muitas vezes originar de um processo de identificação.

“(…) Nossas identidades culturais refletem as experiências históricas em comum e os códigos culturais partilhados, que nos fornecem, a nós, como um ‘povo uno’, quadros de referências e sentidos estáveis, contínuos, imutáveis sob as divisões cambiantes e as vicissitudes de nossa história real” (Hall, 1997).

Relações de identidades são construídas obviamente a partir dos sujeitos, no entanto, não me ficou claro se o autor quer defende a centralização ou a descentralização do sujeito dos processos de construção de identidades. Humildemente opinando, creio que não seja possível descentralizar. Os sujeitos sempre andaram juntos com os processos, são eles que dão subsídios para a construção dos processos de indenitários. Ao ponto que esse texto aborda, é que o conceito de identidade abordado não é essencialista e sim estratégico e posicional.

Ao meu ver, a identidade deve ser identificada e valorizada, para que os sujeitos possam se reconhecer na sua identidade coletiva ou excluir-se dela, caso essa identidade não o represente, até porque, as identidades culturais são múltiplas, como; Identidade nacional; Identidade de pessoa; Identidade territorial; Identidade regional; Identidades plurais. Na perspectiva dos estudos históricos regionais, damos ênfase a identidade territorial e local, e flexibilizando a discussão de que várias identidades podem compor o mesmo sujeito.

O migrante, por exemplo, carrega consigo a identidade do seu território de origem, ele sai do território, mas o território não sai dele. Pensando neste cenário de surgem novas identidades, multiculturais e multi-identitárias, proporcionando o surgimento de novos conceitos. Nesse sentido, Haesbaert (2013), é um o autor critica o termo desterritorialização, usado para explicar o movimento de deslocamento da cultura do seu território de origem, pelo qual a identidade vai além do território geográfico. Segundo o autor essa realidade são “as noções de identidade social e identidade territorial, concluindo com novas questões sobre as identidades transterritoriais, mas complexas, num mundo globalizado.” (HAESBAERT, p. 235)

Haesbaert (2013), também problematiza dizendo que a identidade é praticamente indefinível, que é polissêmica, abstrata e moldada pela construção simbólica, carregada de subjetividade e de objetividade. Para Haesbaert (2013), a identificação de uma identidade se dá em relação a outras identidades, com a complexa relação de escalas territoriais e valorizações.

Retomando as discussões sobre o deslocamento da identidade do território, concluímos que todo território pode ter uma, e que também existe identidade sem território que são as identidades universais. Compreendendo que essa nova realidade configura uma nova identidade territorial que é resultante de diversos fatores, como migrações e efeitos de globalização.

Ultimamente, com essa nova configuração de identidades, existe um discurso que propõe uma ideia de reterritorialização e (re) construção imaginária da identidade. Nessa proposta, Haesbaert (2013), argumenta que os projetos e discursos sobre a valorização das identidades, noção de pertencimento a identidade cultural, a identidade territorial e social, são embasados muitas vezes na história local, regional e nacional e nos movimentos sociais que podem dar origem a novas identidades, como é o caso do movimento negro, feminista, LGBT, entre outros. Aqui podemos ver a identidade pode não ter território, mas o território poder ter uma identidade ou mais de uma identidade, mencionadas como identidades plurais.

## **2. A HISTORIOGRAFIA LOCAL**

As problematizações aqui explanadas, entorno da historiografia da História Local, estão longe de serem esgotadas. Embora também não seja uma discussão que esteja no topo das reflexões acadêmicas, ela vem a décadas sendo repensada e reaproximada da vida dos historiadores, especialmente como método de ensino.

A História Local é importante, porque o local precisa estar fortalecido para contribuir no desenvolvimento da região, e para que cada local consiga preservar suas particularidades sem ser esmagado e sobreposto por outros locais, ou pela região maior. Logicamente, convém deixar claro que esta valorização do local não se propõe a fomentar ideias separatistas. Bem pelo contrário, se propõe a fortalecer os locais, entendendo seus entornos como contribuintes no seu processo de desenvolvimento, e desta forma venha a

buscar fortalecimento na sua região em relação a escala global, para o benefício dela mesma, e conseqüentemente do local. Tendo sempre em mente que o regional é mediador entre local e global.

Cabe neste momento diferenciar o que se entende por História Regional e História Local dentro do universo historiográfico. Até porque, dentro da historiografia, os estudos históricos regionais constituem uma abordagem recente que cabe a terceira geração da Escola dos Anales, surgida na França em 1929. A partir da terceira nova concepção metodológica, denominada de Nova História de 1980, que os historiadores e pesquisadores voltaram seus olhares para os estudos regionais. Estes que constituem uma abordagem do campo histórico, com relação ao campo de observação. É muito relevante saber que História Regional é diferente de História Local, e História Local também é diferente de Micro-História. Portanto, a seguir vamos ver uma breve delimitação de cada abordagem.

### **2.1 História Regional**

A História Regional entende si mesma como parte de um sistema de relações que integra uma região, a qual deve ser definida pela referência ao sistema que fornece seu princípio de identidade, oscilando entre o sistema internacional, ou dentro de uma das unidades de um sistema político e uma região cujas fronteiras não coincidem com os limites políticos juridicamente definidos.

A História Regional é a que vê o lugar, a região e o território como a natureza da sociedade e da história, e não apenas como o palco imóvel onde a vida acontece. Ela é História Econômica, Social, Demográfica, Cultural, Política, etc., referida ao conceito chave de *região*<sup>2</sup>.(PINSKY, 2013, p.143)

A História Regional pode ser entendida como um recorte territorial amplificado, que são os recortes de regionalização, que possuem um significado de divisão de território, o que envolvem uma questão de escalas, que se alteram conforme a problemática (LENCIONE, p,165, 1999.). Porém, também existe o recorte de território, por uma concepção de território vivido, diferente território dado.

### **2.2 História Local**

---

<sup>2</sup> Grifo da autora.

Basicamente, o que difere a história regional, da história local é o recorte geográfico. A História Local, “é uma escala de análise que permite que tenhamos próximos de nós todos aqueles elementos que expressam as condições sociais, econômicas, políticas de nosso mundo” (CALLAI,1988, p. 11). Ou seja, ao falar de local, estamos a falar de lugar, de um lugar que guarda muitas relações de sociabilidades, marcado pela proximidade e pela contiguidade das relações entre os sujeitos que as estabelecem. E ao estudar o lugar, aplicamos um recorte de análise e reflexão.

A História Local que é entendida como uma modalidade de estudos históricos que contribuiu para a construção dos processos interpretativos sobre as formas como os atores sociais se constituem historicamente em seus modos de viver, situados em espaços que são socialmente construídos (FLORES, p.4, 2006.).

A História Local também é a história que trata de assuntos referentes a um determinado recorte espacial: a região, município, cidade, distrito ou bairro. Apesar de estar relacionada e inserida em uma história global e nacional, a história local se caracteriza pela valorização dos particulares, das diversidades; ela é um ponto de partida para a formação de uma identidade. (PINSKY, 2013.) E evidentemente, que a História Local deve sempre deixar muito claro de qual espaço e território está se referindo e, da mesma forma, não pode ser desvinculada de um contexto mais amplo de região, por isso se analisa cada município, mas sabendo que eles pertencem à mesma região, e que partilham uma formação sócio histórica que se relaciona e se explica.

O que não permite confundir a história local com a micro História, já que, enquanto a primeira estuda a realidade recortada por ela mesma, a outra faz uma redução de escala de observação para observar aspectos que poderiam não ser percebidos na análise macro. A questão que diferencia a história regional da história local seria a comparação, uma vez que a história local teria uma perspectiva de estudar "a realidade micro localizada por ela mesma".

### **3. HISTÓRIA LOCAL PARA A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES LOCAIS**

Para direcionar o entendimento do trabalho e propor uma compreensão acerca da História Local para a construção de identidades locais, é fundamental o discernimento entre espaço e território, que são coisas diferentes, mas que se relacionam, e sua relação se dá pela construção social que ocorre sobre o espaço e constrói o território.

O território surge, portanto, como resultado de uma ação social que, de forma concreta e abstrata, se apropria de um espaço (tanto física como simbolicamente), por isso denominado um processo de construção social. (FLORES, p.4, 2006)

Por uma abordagem mais culturalista, o espaço é então usado, apropriado pela população. A população também integra o território, e o território se dá, portanto, por um espaço vivido, por construção social. Segundo Flores;

[...] sua identidade cultural é uma ação coletiva, determinada em conjunto com um marco institucional que regula as atividades dos atores locais que participam do processo de construção. (FLORES, p.14, 2006.)

Portanto, o território é construído por vivências que se ocorrem sobre um espaço e constituem uma região, voltada mais para a forma como os homens se organizam no espaço. Este conceito de região permite aos historiadores significativas pesquisas na constituição histórica regional que precisam ser valorizadas para construir uma identidade territorial regional, e para que essa identidade fortaleça o local, e que consiga ser respeitada em suas particularidades.

O ensino de História possui objetivos específicos, sendo um dos mais relevantes o que se relaciona à constituição da noção de identidade. Assim, é primordial que o ensino de história estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, entre as quais as que se constituem como nacionais. (BRASIL, 1997, p. 26). Esta é uma realidade trazida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que neste período está em construção com estados e municípios, também tem dado oportunidade para que sejam incluídos temas relativos os estudos históricos regionais.

O local é o espaço primeiro da atuação do homem, por isso, o ensino de História Local precisa configurar também essa proposição de oportunizar a reflexão permanente acerca das ações. Conforme Karnal (2008), cabe à comunidade escolar oportunizar esse momento.



Cumpra ao corpo docente e discente fazer uso dos conteúdos da disciplina História de forma significativa, empenhando-se para que os alunos desenvolvam uma reflexão crítica acerca dos fatos estudados e, com isso, construam seu próprio saber. É importante o professor saber que: quanto mais o aluno sentir a história como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer. ' (KARNAL, 2008, p. 28).

Assim percebemos que o local não fica descolado do seu regional, que é preciso que os alunos também estudem a partir do seu todo, da sua região para entender seu local. Ou seja, trazer a história para o âmbito local, para que os agentes dessa história se enxerguem, tanto no local como também no regional, como uma forma de fortalecimento dos locais e regiões, e como uma forma de tentar suavizar os impactos da globalização nas identidades regionais.

O avanço da globalização e os novos mecanismos de comunicação global que se desenvolvem de forma cada vez mais acelerada atualmente, acabaram por trazer à tona do campo educacional uma nova e justificada preocupação: a globalização como fator de massificação dos indivíduos e de homogeneização das sociedades que pode vir a suprimir a identidade local e singularidades. Considerando essa realidade, torna-se cada vez mais necessária a percepção sobre a importância da História Local como um dos elementos na construção da identidade territorial e local.

Para Bauman (2005, p.18-47) a “modernidade líquida” coloca a identidade em um processo de transformação que provoca fenômenos como a crise do multiculturalismo, o fundamentalismo islâmico ou as comunidades virtuais da Internet. Por isso, ensinar e aprender a respeito da formação social e econômica local embora que ainda se encontra em dificuldades, é fundamental no processo de (re) construção das identidades. Pois neste “contexto atual histórico, no qual cada vez mais as identidades são líquidas, fluidas”, torna-se desafiador relacionar local/global, singular/plural, universal/diverso em sala de aula. (FONSECA, 2013, p,240)

### **3.1 Como abordar a historiografia local na escola**

“O local é uma janela para o mundo” (FONSECA, 2013, p,244), mesmo com os desafios de ensino, e a intensa discussão entre geógrafos e historiadores sobre o conceito de região, a História Regional e a História Local ainda se tornam fundamental para a (re) construção e identificação das identidades locais.

Para pensar a o ensino da História local para a construção da identidade territorial local, usaremos as contribuições de algumas das obras de Milton Santos (1982, 1996, 2000) que trazem elementos fundamentais para propor a compressão das forças globais e do fortalecimento do local e autoras consagradas no campo do ensino de História, como Fonseca (2013) e Bittencourt (2008),

A globalização, por seu lado perverso, com rapidez na difusão de informações, promoveu uma desvalorização e um esmagamento das escalas locais. A supremacia das escalas globais ao mesmo tempo que levou as singularidades do local para o mundo, pressionou de forma perversa o local. (SANTOS,2000). Nesse sentido, o ensino da história local pode fortalecer o local, promover uma unidade cultural e territorial, reconhecendo suas particularidades como potencialidades. A quarta parte do texto de Santos (1996) “A Força do Local”, da obra *A natureza do Espaço - técnica e tempo, razão e emoção*, oferece uma boa análise para o pensamento que valoriza o local. Somente a história da sociedade, aliada à sociedade local, é que pode dar entendimento a realidade, não existe sociedade sem espaço. Não é possível estudar formação social e econômica sem estudar o espaço e as suas particularidades. (SANTOS,1982)

A intervenção que se propõe aqui, é uma abordagem sobre o ensino da História do Município, ou também entendida como História Local, a partir do recorte de região. Abordando a História local, os alunos passam a compreender que a realidade histórica de sua localidade não está isolada no mundo, mas que é parte do seu cotidiano, como segue;

    Ser “cidadão de um país”, sobretudo quando o território é extenso e a sociedade muito desigual, pode constituir; apenas, uma perspectiva de cidadania integral, a ser alcançada nas escalas subnacionais, a começar pelo nível local. (SANTOS, p.55,2000)

As discussões acerca das temáticas da cultura, do patrimônio, da memória, da identidade local e da inserção destes elementos no currículo das escolas públicas, como ferramentas de promoção de desenvolvimento social para os municípios e para a região, fazem-se extremamente necessárias dentro de uma conjuntura em que se observa uma progressiva supressão do que caracterizamos como elementos identitários e individualizadores de nossa gente em nome de uma suposta “globalização”. (SANTOS,2000).

O papel do ensino de História na configuração identitária dos alunos é um dos aspectos relevantes para propor-se estudos de história local. O aluno deve começar estudando pelo seu local para que conforme ele venha a adquirir maturidade, possa ser capaz de compreender outros períodos da história da humanidade, ou seja, a casa deve ser construída pelo alicerce. Tudo isso dar-se-á em um processo de construção de significado acerca do seu passado, na busca pelo pensamento norteador que gere as ações educativas nos municípios.

Considerando que as escolas devem contribuir na formação da identidade territorial local, o ensino de História Local faz parte do processo de construção da identidade ressaltando que a identificação do território é consequência da construção da identidade, o que integra a mobilização dos atores. Para chegarmos a este movimento de desenvolvimento, a proposta é incentivar o ensino da História Local, pois segundo Bittencourt;

O papel do ensino de História na configuração identitária dos alunos é um dos aspectos relevantes para considerar ao proporem-se estudos da história local. (BITTENCOURT, p.168, 2008)

Sobre o como trabalhar história local, ainda temos muito a debater, tanto que este ensaio não dará conta. Contudo temos Fonseca e Bittencourt, já citados anteriormente com vários estudos nessa área e que podem nós dar uma conclusão da forma como deve se dar ao fazer pedagógico do professor nessa temática. A começar pela formação dos professores que são responsáveis pelas abordagens, que devem ser além de professores, fundamentalmente pesquisadores e conseqüentemente mediadores. Os professores na sua prática pedagógica, devem pesquisar, investigar, criar estratégias didáticas, usar de métodos e metodologias de acordo com seu diagnóstico de turma, visando uma formação integral e primando pelos direitos de aprendizagem do educando. Sua prática deve ser significativa e recreativa, para tornar o aprendizado mais inspirador e transformador. Ambos acreditam na importância do ensino da história local, porém salientam muito precisa ser feito no fazer pedagógico para que se obtenha êxito nesse campo. (FONSECA, 2013 e BITTENCOURT,2008.) Sobretudo, porque não possuímos uma trajetória muito tranquila na disciplina de História, marcado pelas heranças do ensino tradicional com narrativas e historicismos heroicos romantizados de um ensino decoreba.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a proposta para estudos históricos locais poderá dar resultado a longo prazo. Como vimos, a História Local poder ter um papel significativo na construção das memórias que levam ao relevante processo de construção das identidades. Trata-se de reconhecer o contexto histórico marcado pela pluralidade, os assuntos locais despertam interesse dos alunos e a fragmentação das escalas que deve ser observada com cuidado, pois elas transcendem. Cabe aos professores na sua prática pedagógica, devem pesquisar, investigar, criar estratégias didáticas, usar de métodos e metodologias de acordo com seu diagnóstico de turma, visando uma formação integral e primando pelos direitos de aprendizagem do educando. Sua prática deve ser significativa e recreativa, para tornar o aprendizado mais inspirador e transformador.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008
- BRASIL/MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, 1997.
- CALLAI, Helena C.; ZARTH, Paulo A. **O estudo do município e o ensino de História e Geografia**. Ijuí: UNIJUÍ Ed., 1988.
- FLORES, Murilo. **A identidade cultural do território como base de estratégias do desenvolvimento - uma visão do estado da arte**. 2006.  
[http://www.fidamerica.org/admin/docdescargas/centrodoc/centrodoc\\_236.pdf](http://www.fidamerica.org/admin/docdescargas/centrodoc/centrodoc_236.pdf)
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizagens**. Campinas, SP: Papirus, 2013.
- HAECBAERTS, R. Identidades Territoriais. In: Rosendahl, Z.; Corrêa, R. L.. (Org.). Geografia Cultural: uma antologia Vol. II. 1ed. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2013, v. II, p. 233-244
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Cultura, Mídia e Educação - Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n 2, p 15-46, jul./dez. 1997.
- KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008.

LARRAIN, Jorge. **El concepto de identidad**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 21, p. 30-42, ago. 2003.

LENCIONI, Sandra. *Região e Geografia*. São Paulo: Edusp, 1999.

ORTIZ, Renato. Cultura e Desenvolvimento. Salvador: **Políticas Culturais em Revista**, 1(1), p. 122-128, 2008. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/3194/2304>. Capturado em maio 2016

PINSKY, Carla Bassanezi(org). **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2013.

SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço - técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. *Por uma outra Globalização – do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. *Sociedade e espaço: a formação social como teoria e método*. Espaço e Sociedade. Petrópolis: Vozes, 1982.